



Centro Universitário de Brasília

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS – FATECS

JOÃO PEDRO RODRIGUES DE MELO GOMES

SÉRIE DE RÁDIO: DENGUE NAS ÁREAS DE RISCO

BRASÍLIA

2016

JOÃO PEDRO RODRIGUES DE MELO GOMES

RA 2111842/0

SÉRIE DE RÁDIO: DENGUE NAS ÁREAS DE RISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: Professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2016

JOÃO PEDRO RODRIGUES DE MELO GOMES

SÉRIE DE RÁDIO: DENGUE NAS ÁREAS DE RISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: Professor Me. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 10 de Junho de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Msc. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. Msc. Bruno Nalon
Examinador

Prof. Msc. Cláudio Marcos
Examinador

**BRASÍLIA
2016**

DEDICATÓRIA

Como não podia deixar de ser, dedico este trabalho primeiramente a meus pais, Francisco Gessone e Fábria Rodrigues de Melo, aos meus tios e grandes incentivadores, Fatima e Peter Williamson, que contribuíram bastante para a minha formação, e como não poderia deixar de ser, também a minha família, por sempre estarem ao meu lado e me darem todo o suporte necessário para ter chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, a causa de tudo o que acontece na minha vida. Em segundo lugar, agradeço à minha família, por ter me mostrado valores importantes durante todo o meu crescimento, imprescindíveis nessa fase da minha vida.

Aos meus tios e incentivadores, Fatima e Peter Williamson, que me ajudaram em todos os momentos da minha formação acadêmica, seja com um gesto ou uma palavra de carinho.

Aos amigos Lucas Magalhães, Marcio Rocha e Pedro Borges, os quais considero referência no jornalismo, pelos valiosos conselhos que foram passados ao longo de uma grande amizade.

Aos meus professores, meus agradecimentos, visto que sem os conhecimentos passados em sala de aula, a realização deste trabalho não seria possível. Para os amigos que fiz durante a caminhada, agradeço os momentos de felicidade e alegria.

Não posso deixar de citar a equipe de jornalismo da Rádio BandNews FM, que foi fundamental para que eu tivesse uma primeira oportunidade dentro da profissão, agradeço também aos chefes da rádio, Adriano Oliveira, Cláudio Marcos e Rodrigo Orengo, por terem contribuído e muito para a minha formação.

A todos os entrevistados, pela paciência durante a produção do material e também pelo conhecimento passado, que, sem dúvida, será levado por toda a minha vida.

Ao mestre e amigo, Luiz Claudio Ferreira, que despertou meu olhar jornalístico e também dedicou horas de seu valioso tempo a me ensinar e orientar na presente pesquisa.

RESUMO

Este memorial tem o objetivo de registrar o caminho de produção da série de rádio "Saúde nas áreas de risco", feito como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de jornalismo do UniCEUB. O presente texto traz registros e considerações a respeito da produção radiofônica sobre a condição atual de moradores das áreas de risco no Distrito Federal, nos lugares dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano. A apuração traz informações, por mais óbvias que sejam, que cuidar da saúde não é uma ação que se desenvolve a partir dos postos de saúde e hospitais. Assim como, os problemas não começam nessas unidades públicas, mas, por vezes, dentro das casas de moradores e trabalhadores das chamadas áreas de risco do Distrito Federal.

Palavras chave: Área de risco, Brasília, IDH, Rádio, Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	ESCOLHA DO TEMA.....	8
1.2	JUSTIFICATIVA.....	10
1.3	OBJETIVOS.....	10
	1.3.1 Objetivo Geral.....	10
	1.3.2 Objetivos Especificos.....	10
2	A ENTREVISTA NO RÁDIO	11
3	DESCRIÇÃO NO RÁDIOJORNALISMO	14
4	RADIOJORNALISMO NO BRASIL	16
5	DIÁRIO DE BORDO	18
5.1	SÃO SEBASTIÃO E PLANALTINA.....	17
5.2	CEILÂNDIA E GAMA.....	18
5.3	SOBRADINHO II E SAMAMBAIA.....	19
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICE A – SÃO SEBASTIÃO E PLANALTINA	24
	APÊNDICE B – CEILÂNDIA E GAMA	27
	APÊNDICE C – SOBRADINHO II E SAMAMBAIA	29

1 INTRODUÇÃO

A vida das pessoas que moram nas áreas de risco no Distrito Federal é o tema desse trabalho de conclusão de curso. O foco foi o de encontrar histórias das regiões administrativas com os números mais baixos de Índice de Desenvolvimento Humano: Ceilândia, Gama, São Sebastião, Planaltina, Samambaia e Sobradinho II. Foram três meses de trabalho, de visitas, além de uma coleta de dados. Foram registrados a rotina e os riscos dessas pessoas e como essa situação influencia a saúde dos moradores.

Na região de Ceilândia foram 12 visitas e mais de cinco temas, como escolaridade, disponibilidade de vagas de emprego e também disponibilidade de recursos em uma área que é considerada a mais populosa do Distrito Federal, com cerca de 400 mil moradores, e que possui também a maior favela da América Latina, o Complexo Habitacional Sol Nascente.

Já no Gama, foram 20 histórias, entre os mais de 120 mil moradores e trabalhadores, relacionadas à saúde. Mas não somente no atendimento hospitalar, como também na prevenção de doenças como a dengue, a febre chikungunya e o zika vírus.

Na região de São Sebastião, onde vivem mais de 130 mil pessoas, foram verificadas questões como disponibilidade de postos de trabalho, além de recursos e investimentos em uma região em que segundo o Governo do Distrito Federal os abismos sociais estão mais evidentes.

Em Planaltina foram verificadas questões relacionadas a doenças como a dengue e o zika, que estiveram em evidência na região durante todo o ano de 2014 e boa parte de 2015. Os cerca de 165 mil moradores da região vivem em uma linha tênue entre o desenvolvido e o subdesenvolvido, o que gera preocupação.

A cidade de Samambaia com mais de 220 mil habitantes tem questões bem específicas, o nome de planta da região pode mostrar um ponto de contradição, já que a cidade é de total expansão urbana, e exatamente por isso, problemas com saúde, como a dengue e ausência de saneamento ficam bem evidentes.

Em Sobradinho II foram 12 visitas e mais de 10 histórias, uma região com mais de 73 mil habitantes, mas que apresenta diversos contrastes. Vários mundos, de um lado casas luxuosas com belos jardins, enquanto do outro, barracos e também uma ausência de recursos ficou evidente.

1.1 Escolha do Tema

Diferentes realidades, vidas e destinos. Em seis regiões administrativas do Distrito Federal, pessoas vivem em condições adversas, impostas pelo ambiente familiar em que cada uma delas nasceu. A falta de recursos, e também a precariedade dos serviços de saúde oferecidos pelo governo acentuam ainda mais as desigualdades sociais nas regiões escolhidas para a pesquisa que renderia uma série de reportagens. Em comum, problemas que repercutem no estado de saúde de populações.

Na região de Ceilândia, o que chama a atenção é a densidade demográfica, já que a região é considerada a mais populosa do Distrito Federal. No entanto, um detalhe importante também deve ser citado, mesmo sendo a região com a maior quantidade de pessoas, segundo dados da Companhia de Planejamento do DF, é a região com menos recursos no que diz respeito a saneamento básico, principalmente na região do Complexo Habitacional Sol Nascente. Para se ter uma ideia, na área, 86% dos domicílios da região não possuem rede de esgoto e mais que isso, 97% das casas da região estão em áreas de risco afetadas por alagamentos e erosões.

Já no Gama, a situação é bem diferente, 95% das casas tem acesso à rede de esgoto, no entanto, um detalhe chama a atenção, a região tem um dos maiores registros de casos de dengue somente em 2016, de acordo com dados da Secretaria de Saúde do DF, foram contabilizados mais de 1100 casos da doença. E ainda segundo a pasta, a maior parte desses casos ocorre por conta de descuidos dos moradores com relação aos quintais e com as casas em geral.

Em São Sebastião, o que chamou a atenção foi à quantidade de casos de dengue na região, 170 em menos de 3 meses, sendo que 12 deles ocorreram na

forma mais grave da enfermidade. Na região, 92% dos domicílios tem acesso à rede de esgoto. No entanto, mais uma vez, o Governo do Distrito Federal justifica que em muitas vezes essas doenças aparecem por conta dos descuidos da população com quintais e também com o descarte de lixo em áreas indevidas.

Em Planaltina também chama a atenção à quantidade de casos de dengue contabilizados entre janeiro de 2015 e maio de 2016, foram mais de 4500 registros. Com esse número, a região lidera o ranking do Distrito Federal em relação às doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti*. Na região, 81% dos domicílios tem acesso à rede de esgoto, e segundo a administração da região, os moradores da área já estão mais cuidadosos com relação aos quintais e aos terrenos para que os números da dengue diminuam em Planaltina.

Em Samambaia, as doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti* ainda geram preocupação. Os moradores da área dizem ter mais atenção com os terrenos e também com o material descartado nas ruas, no entanto, os números ainda são altos. Somente nos 5 primeiros meses deste ano foram mais de 110 casos contabilizados na área. Em relação ao saneamento, 97% dos domicílios possuem acesso à rede de esgoto, no entanto, segundo a Secretaria de Saúde do DF, a maior parte dos focos da dengue foi encontrada nas áreas de menor recurso.

Em Sobradinho II apenas 30% das casas tem acesso à rede de esgoto, e é esse o motivo que chama a atenção. Por conta dessa ausência de recursos, a região está em segundo lugar no que diz respeito às doenças causadas pelo mosquito *Aedes Aegypti*. Somente nos cinco primeiros meses deste ano foram contabilizados mais de 3750 registros.

Atualmente, quem não tem oportunidades fica refém de situações que impossibilitam o acesso aos princípios básicos de cidadania, como saneamento básico, emprego e o mais importante de todos os itens, a saúde.

1.2 Justificativa

Sempre foi um desafio descrever as situações e os problemas das pessoas sem mostrar imagens como é feito pela televisão, e foi exatamente por isso que o meio radiofônico foi escolhido, afinal, o veículo tem o poder de informar com mais emoção. Nele, o ouvinte tem o poder de imaginação das cenas e situações, o que torna ainda mais importante o papel da descrição do espaço e dos casos.

Além disso, no rádio, a reportagem precisa ser narrada de forma clara e precisa, com simplicidade. Durante a produção da série, o objetivo era dar voz aos moradores e trabalhadores das seis regiões do Distrito Federal com os números mais baixos do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Com o número mais baixo está a região de Ceilândia, com cerca de 0,74, enquanto o índice mais elevado está em Sobradinho 2 com cerca de 0,83.

O Índice de Desenvolvimento Humano é um dado estatístico criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento que utiliza os principais aspectos da população como: educação, renda e saúde como critérios de avaliação para a evolução de cidades ou regiões.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

- Produzir três reportagens de rádio sobre saúde de moradores de áreas de risco no Distrito Federal: indo além da cobertura da situação de hospitais e postos de saúde.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Apresentar aos ouvintes as situações e dificuldades enfrentadas pelos moradores e trabalhadores das seis regiões do Distrito Federal com os valores mais baixos de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

- Expor, através das histórias contadas pelos próprios personagens, como funciona o acesso à saúde, a educação e também ao emprego e se de fato o contexto e local em que essas pessoas vivem influenciam no bem estar delas.

2 A ENTREVISTA NO RÁDIO

A entrevista em rádio tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a emoção. Essa se manifesta tanto no entrevistado como também no entrevistador. Boas entrevistas são as que revelam novos conhecimentos, esclarecem os fatos e também marcam opiniões.

Com o tempo, o jornalista vai aprimorando a arte de perguntar e de tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer sobre determinado assunto. Quando isso acontece, a notícia avança e abre espaço para novas entrevistas e reportagens. (BARBEIRO; LIMA, 2003, p.59). Além disso, durante as entrevistas, é importante ter domínio sobre o assunto, mais ainda que o próprio entrevistado. Esse conhecimento prévio do repórter dará início a uma boa entrevista, com uma boa amarração para a conversa. O entrevistado se sentirá mais confiante e dará mais credibilidade ao entrevistador. (CHANTLER; STEWART, 2006, p.114).

O bom jornalista não pode aceitar perguntas previamente apresentadas pelo entrevistado ou por sua assessoria de imprensa. Sugestões, pautas e conversas esclarecedoras são sempre bem vindas. O entrevistador deve, na maior parte do tempo, colocar-se no lugar do ouvinte e perguntar aquilo que considera mais importante sobre o assunto pautado. (BARBEIRO; LIMA, 2003, p.60).

Normalmente, explicar como será a entrevista, do que se trata e também quais as perguntas iniciais dá certa sensação de liberdade, deixando o entrevistado à vontade para falar e citar um determinado ponto de vista. No entanto, o jornalista não pode deixar que o entrevistado tome o comando e guie a entrevista. Um outro ponto é não ficar preso a um roteiro, a cada resposta do entrevistado, o jornalista pode e deve formular novas perguntas dentro do determinado tema.

De acordo com os conceitos dos autores Paul Chandler e Peter Stewart (2006, p.118), durante a entrevista, o repórter não pode esquecer os conceitos

básico do lide, que são as perguntas: O que? Onde? Quem? Quando? Por quê? E Como?, Critérios que também são aplicados no radiojornalismo. Outro ponto diz que o jornalista não deve perguntar duas coisas ao mesmo tempo, pois o entrevistado pode se confundir e deixar de responder alguma das indagações, deixando para trás pontos importantes a serem esclarecidos. De acordo com Zita de Andrade Lima, no rádio, o repórter tem papel fundamental, pois é usado como ponte para que o ouvinte chegue até o entrevistado, fazendo perguntas que seriam de interesse público, e para isso, ele precisa usar a descrição somada a outros fatores para que a mensagem chegue de maneira correta ao receptor.

O radiorepórter que comanda uma entrevista precisa estar capacitado a utilizar o instrumento de descrição, enriquecida pelos efeitos de sonoplastia. Esses efeitos – sons e ruídos ambientais – fazem em Rádio as vezes dos efeitos de luz na televisão: são aceitáveis e integram a emissão, desde que não impeçam a audição das palavras (LIMA, 1970, p.93).

Segundo autores como Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2003, p.60), é sempre importante estimular o entrevistado, para evitar respostas rasas como o *sim*, *não*, *talvez* e etc. Às vezes é necessário complementar uma pergunta para que o ouvinte de fato tenha a resposta necessária para a compreensão de determinado assunto. Também é interessante que muitas vezes os próprios entrevistados contem às histórias que viveram, transmitindo emoções como a felicidade, a tristeza, angústia e etc. No entanto, é preciso ter atenção para que não seja transmitida uma mensagem distorcida, com excesso de repetição e até mesmo abuso de um determinado tema.

A entrevista emocional, conceito de Paul Chantler e Sim Harris (1998, p.114), diz que as histórias devem ser contadas pelas pessoas que as viveram, pois assim, serão transmitidas manifestações emocionais, como: felicidade, tristeza, angústia, dentre outros. No entanto, é necessário que o jornalista fique atento, para que não sejam passadas informações distorcidas.

Não há um método de entrevista, mesmo porque a relação entre profissional e fonte é dinâmica e não estática, constituindo-se sim em um processo. A arte da entrevista reside em um ciclo de saber perguntar, ouvir a resposta, reprocessar o que foi dito, além de questionar os fatos apresentados. (FERRARETTO, p.227).

Fazer uma entrevista é interagir com o outro, e exatamente por isso, não deve ser restrita apenas a perguntas e respostas simples. A interação é primordial, segundo o conceito da autora Zita de Andrade Lima (1970, p.91), é fundamental para que o ouvinte fique de fato bem informado.

3 DESCRIÇÃO NO RADIOJORNALISMO

Durante a produção da série de reportagens, muitas coisas foram pensadas, principalmente a linguagem que seria utilizada no produto. E após todos esses pensamentos foi usada a linguagem descritiva, que mexe com a cabeça do ouvinte, e é construída por meio do dinamismo e da rapidez. Diferentemente da televisão, que transmite a totalidade do conteúdo por imagens, o rádio usa de outros recursos para chamar a atenção do ouvinte. Entre eles, podemos citar o som, como o chamado BG (background), as vinhetas e até mesmo as músicas.

A descrição é um instrumento que consiste na percepção, que neste caso é bem representada pela audição. No entanto, para que de fato o ouvinte sinta atração pela história que está sendo contada, é necessário levar novos elementos de som, que possam de fato surpreender. No texto de rádio, a palavra é fundamental, já que ela é responsável por substituir as imagens. A voz do repórter dá ao ouvinte a capacidade de imaginar as cenas e fotos que compõem um determinado caso. E exatamente por isso é importante que o repórter narre a ação descrevendo o local, ambiente, os personagens e outros.

Gestos, expressões e movimentos do entrevistado – reações mímicas que a televisão inapelavelmente registra com uma câmera – poderão (e em certos casos até mesmo deverão) ser descritos pelo bom entrevistador de Rádio (LIMA, 1970, p. 93).

O entrevistado pode revelar muitas coisas através da postura e da expressão corporal, seja em um simples toque de mão, ou até mesmo nos pés inquietos. E como no rádio não existe a imagem, é papel do repórter transmitir o que se passa para o ouvinte, no entanto, tais conceitos já começam a mudar com os vídeos publicados pela internet e também os programas de transmissão ao vivo de imagem e voz.

O texto do rádio é construído por uma série de fatores que ‘caminham juntos’: a informação, o texto, além de efeitos sonoros e a locução que podem assegurar um bom conteúdo e também uma boa compreensão por parte do ouvinte. Todos esses fatores juntos fazem com que o ouvinte se sinta no local onde o fato aconteceu. E

segundo os autores Chantler e Harris (CHANTLER; HARRIS, 1998, p.51), o jornalista que escreve para o rádio tem que lembrar sempre que está redigindo para o ouvido e não para os olhos como na televisão.

4 RADIOJORNALISMO NO BRASIL

O rádio chegou ao Brasil em 1922, ou seja, 100 anos após o grito da independência dado às margens do Ipiranga. A primeira transmissão oficial foi o famoso discurso do então Presidente da República, Epitácio Pessoa. Logo depois, em 1950, veio à televisão com a inovação da imagem alinhada ao som, e mais tarde, já no fim do século 20, veio outra inovação, à internet. No entanto, mesmo com tantas novidades, o rádio resistiu ao tempo e é o melhor aliado daqueles que gostam de toda a magia com as trilhas alinhadas à informação, do mistério de imaginar as cenas e a imagem daquelas vozes ouvidas através do rádio. A partir de 1930 o rádio começou a se transformar, primeiro com a comercialização do veículo, e logo depois com a chamada era de ouro, que marca também o surgimento da Rádio Nacional.

Também nessa época surgem mais emissoras e a busca pela audiência torna a programação das rádios mais diversificada. Várias das emissoras buscaram nessa época uma especialização em determinados campos. E nesse contexto nasce o radiojornalismo, com o conhecido Repórter Esso e também com o Grande Jornal Falado Tupi. (HARTMANN; MUELLER, 1998, p.17; 18).

No entanto, bem no início, com finalidade educativa, surgiu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, na qual o grupo de ouvintes era seletivo, e o veículo rádio oferecia cultura e lazer à elite. Além disso, o fundador da emissora, Edgar Roquette Pinto, não tinha hora para entrar no ar, já que o jornal da manhã da Rádio Sociedade era um grande resumo das leituras do empresário.

Os textos rabiscados eram a fonte de informação para o Jornal da Manhã. O programa não tinha hora para começar. Ou melhor, tinha: assim que Roquette Pinto terminasse a leitura dos jornais impressos. Mal imaginaria que seu método contaminaria as redações. (JUNG, 2004, p.19).

Algum tempo depois, os rabiscos dão lugar às laudas de tamanhos pré-determinados, cerca de uma folha com até 25 linhas, e em 1941 surge a síntese noticiosa do Repórter Esso. Naquela época, a notícia era redigida com períodos curtos, de forma bem direta. Heron Domingues era um dos locutores mais

conhecidos do Esso, com textos objetivos e sem orações intercaladas, nos quais um simples ponto de respiração fazia toda a diferença para o ouvinte.

Por conta da chegada da televisão e também com a necessidade de oferecer informação ao vivo, o rádio colocou o repórter na rua, para que todos os fatos estivessem acompanhados de perto e no momento em que aconteciam (JUNG, 2004, p. 37). O radiojornalismo precisa ter precisão, mobilidade e veracidade. Além de transmitir as notícias no momento em que elas estão acontecendo, é preciso que o veículo ofereça informações verdadeiras ao ouvinte.

O radiojornalismo exige que os fatos divulgados sejam exatos e fiéis à realidade porque, diferente de alguns tipos de jornais e revistas, busca evitar a transmissão de notícias falsas ou boatarias inconsequentes (CÉSAR, 1990, p. 25).

Noventa e quatro anos após a criação do veículo, o jornalismo continua presente no rádio, atraindo o ouvinte e oferecendo informação de maneira ágil e completa, mas acima de tudo, uma informação verdadeira e de credibilidade. Até hoje o rádio é considerado um veículo altamente confiável pelo público. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), 81,2% dos lares brasileiros possuem um aparelho de rádio, já nos carros, o número chega a quase 85%, e todos os brasileiros que ouvem a programação acreditam naquilo que é passado e informado.

5 DIÁRIO DE BORDO

Para fazer a série de reportagens, optei por acompanhar a vida dos personagens e depois cobrar respostas de autoridades e possíveis soluções de especialistas nas diversas áreas abordadas.

5.1 São Sebastião e Planaltina

Nas duas primeiras semanas, o objetivo era apurar e escrever todo o material sobre São Sebastião e Planaltina. Então como primeiro passo, fui atrás dos dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal, a Codeplan.

Após verificar questões como o número de crianças e jovens fora das escolas, desempregados e também escolaridade dos moradores das duas regiões, segui para as primeiras visitas.

Na primeira experiência, em uma quarta-feira ensolarada, cheguei à cidade de Planaltina, mais especificamente no Jardim Roriz, por lá, foram gravados alguns depoimentos que já mostravam grande parte da realidade vivida pelos moradores da região.

No entanto, o dia que estava ensolarado logo ficou escuro e uma chuva forte despençou, revelando grandes preocupações por parte de moradores do Setor Tradicional de Planaltina com relação às semanas seguintes, já que por conta do grande volume de água, os focos de dengue poderiam aumentar.

Na segunda parte da produção da matéria visitei a região de São Sebastião, a primeira visita ocorreu na tarde de um domingo, no entanto, poucos personagens foram encontrados e nenhum depoimento foi gravado.

Como terceira parte do processo, resolvi fazer mais uma visita a cidade de São Sebastião, dessa vez ao meio dia de uma terça-feira, e o local escolhido foi o centro da cidade, próximo a Praça Tião Areia. Por lá, foram gravados depoimentos

que mostravam as angústias de pessoas que viram a cidade nascer, desde a chamada Agrovila, até se tornar, São Sebastião. A principal questão levantada foi o receio com relação às doenças causadas pelo mosquito *Aedes Aegypti*.

Após concluir a gravação dos depoimentos e também a coleta dos dados, escrevi o material de acordo com a minha observação ao longo das visitas e também com as histórias contadas pelos personagens nas entrevistas. Ao fim foi pedida entrevista para a Secretaria de Saúde, no entanto, a pasta respondeu aos questionamentos da reportagem por meio de nota e sem muitas novidades para a população das duas cidades.

5.2 Ceilândia e Gama

Na segunda reportagem, resolvi abordar e saber um pouco mais sobre a saúde dos moradores de Ceilândia e também do Gama. Para isso, a primeira parte do processo foi novamente uma pesquisa em dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal, a Codeplan.

Novamente levantei dados com relação a escolaridade dos moradores das regiões, assim como a quantidade de crianças fora das escolas e também os números de desemprego, fatores que poderiam influenciar no resultado da reportagem.

Na sequência parti para mais uma visita. A primeira parada ocorreu na cidade de Ceilândia, onde fui à região central da cidade, mais especificamente ao lado da Feira dos Goianos. Por lá, encontrei trabalhadores e moradores da região que se diziam preocupados com as condições atuais da cidade mais populosa do Distrito Federal.

No dia seguinte, um domingo, segui em direção à maior favela da América Latina, o Conjunto Habitacional Sol Nascente, onde encontrei diversas histórias e gravei entrevistas com pessoas que manifestaram receio com relação à região, e também com o saneamento que é praticamente inexistente em toda a área.

Por lá, também encontrei um especialista em água e esgoto que enumerou uma série de ações que precisam ser tomadas para que o Índice de Desenvolvimento Humano da região aumente.

Na sequência fiz outras duas visitas à cidade do Gama, na primeira sem muito sucesso, pois se tratava de uma véspera de feriado. No entanto, na segunda, que ocorreu em uma tarde de terça-feira, passei pelo setor central da cidade e também pelo setor norte. Conversei com moradores e gravei depoimentos.

Após todos os dados colhidos e todo o material apurado, escrevi a segunda matéria através da percepção dos personagens.

5.3 Sobradinho II e Samambaia

Na terceira matéria, resolvi contar a história de moradores de Sobradinho 2 e também de Samambaia, para isso, mais uma vez comecei pelas pesquisas de dados através do site da Codeplan.

A primeira visita desta matéria foi à cidade de Sobradinho 2, em uma manhã de quinta-feira, encontrei na região uma série de contrastes. De um lado da avenida parque de Sobradinho casas muito bem cuidadas com jardins esverdeados e etc. Mas do outro lado, barracos, casas amontoadas e vários fatores que mostram que a cidade precisa de atenção.

Durante a visita, encontrei uma área em que mesmo com a tubulação de esgoto, o material transborda e os moradores se sentem jogados e sem nenhum tipo de cuidado por parte das autoridades, o que comprovou o argumento da matéria.

Em uma sexta-feira, visitei a cidade de Samambaia, e como em todas as outras regiões visitadas, encontramos contrastes e algumas histórias, mas principalmente, muita preocupação dos moradores com relação à dengue e às doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo tendo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) elevado em relação a outros municípios do país, o Distrito Federal apresenta fortes contrastes dentro das regiões administrativas que compõem a unidade da federação. Com isso, decidi analisar como as desigualdades interferem na vida, no bem estar e principalmente na saúde dos moradores de seis dessas regiões, que inclusive apresentam os números mais baixos do IDH dentro do Distrito Federal.

Na análise foram observados temas pertinentes que podem influenciar no futuro das regiões, como a disponibilidade de recursos, o acesso às unidades de saúde, o desemprego, que está diretamente ligado à renda, e também o ambiente no qual esses moradores e trabalhadores estão inseridos.

Depois de constatar e ouvir os problemas vividos por cada um, concluí que faltam ações do governo e também mais investimento nas áreas consideradas de risco no DF. Faltam políticas públicas para que os desempregados sejam capacitados e recolocados no mercado de trabalho. No entanto, mais que isso, falta estrutura em muitas das regiões, principalmente com relação ao acesso à saúde, para que de fato a população se sinta bem, e com isso, a sensação de bem estar se instale.

Uma pesquisa da Companhia de Planejamento do DF, divulgada em 2003, aponta que as regiões administrativas do DF têm sim um elevado Índice de Desenvolvimento Humano. Os números variam de 0,95 no caso do Lago Sul, que tem o valor mais alto, e chegam a 0,76 em Brazlândia, cidade onde os números são mais baixos. No entanto, é preciso ressaltar que a própria Codeplan ainda não leva em conta alguns pontos de algumas regiões do DF, como por exemplo, Sobradinho II, onde não aparecem os dados de pessoas sem saneamento básico e também os números da população afastada da escola, o que mostramos aqui ser uma cidade de contrastes.

Ao longo da série os personagens puderam expressar todos os sentimentos, tanto de indignação, quanto de esperança de ver a evolução da área onde moram, para que esses locais sejam um dia considerados desenvolvidos. Os moradores das

seis regiões visitadas esperam e acreditam que algo melhor está por vir, e que além disso, todos os pedidos e angústias que foram revelados nos episódios da reportagem possam melhorar. Principalmente no que diz respeito à capacitação de profissionais, o acesso aos recursos, ao ensino público, e claro a saúde. A defesa é que os gêneros radiofônicos, também no caso da reportagem, conseguem chegar ao maior número de cidadãos, em quaisquer circunstâncias, sejam para alimentar a consciência, ou sejam para despertar nos moradores a iniciativa de cobrar soluções do poder público.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RODOLFO, Paulo. **Manual do Radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo, Summus, 1998.

LIMA, Zita de. **Princípios e técnicas de Radiojornalismo**. Brasília: Icinsorm, 1970.

BARBOSA, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. **A Sintonia do Futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: PDAD São Sebastião. 2016.

Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2016/PDAD_Sao_Sebastiao_2016.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2016.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: PDAD Planaltina. 2015.

Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Planaltina2015.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2016.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: PDAD Ceilândia. 2015.

Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Ceilandia_2015.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2016.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: PDAD Gama. 2015.

Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Gama_2015.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: PDAD Sobradinho II. 2015.

Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Sobradinho_II.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2016.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: PDAD SAMAMBAIA. 2015.

Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Samambaia_2015.pdf>. Acesso em: 21 maio. 2016.

APÊNDICE A – SÃO SEBASTIÃO E PLANALTINA

+ O que é cuidar da saúde? Essa ideia de zelar pelo bem-estar do corpo está ainda muito ligada a sanar doenças e tomar remédios.

+ Mas saúde vai além disso. A partir de agora você acompanha uma série de reportagens que vai contar a história de moradores e trabalhadores das regiões do Distrito Federal que apresentam os números mais baixos do Índice de Desenvolvimento Humano.

+ Nesses lugares, as pessoas estão mais vulneráveis. Com sistema de saneamento deficiente ou com escolas sem vagas. Tudo faz parte de entender o que é a saúde. Por isso, a visita não foi feita apenas a postos ou hospitais.

+ No PRIMEIRO episódio visitamos as cidades de São Sebastião e Planaltina, uma que está no topo da tabela, com índice de 0,83, e que já pode até ser considerada uma cidade em desenvolvimento, enquanto a outra está em penúltimo lugar, com cerca de 0,77 o que gera preocupação.

+ Na cidade de São Sebastião, a cerca de 30 quilômetros do centro de Brasília, a região com a maior desigualdade do Distrito Federal, onde os abismos estão mais evidentes. Nesse lugar, há mais de DEZ anos mora a professora Suane Gonçalves. Ela acompanhou surgimento da chamada Agrovila e também da cidade.

+ De acordo com ela, no que diz respeito à saúde, a região ainda precisa de investimentos do governo.

{SONORA SÃO SEBASTIÃO X PLANALTINA 1}

+ Em um passado nem tão distante, a cidade passou por epidemias de DENGUE, Chikungunya e até Zika Vírus, doenças causadas pelo mosquito ÉDIS EGYPTI.

+ Somente em 2016, foram contabilizados mais de 170 casos da enfermidade, inclusive 12 nas formas mais graves da doença, segundo informações do Boletim Epidemiológico da Secretaria de Saúde.

+ Mas alguns anos antes, São Sebastião também passou por um grande problema com leishmaniose, doença infecciosa causada por parasitas que se instalam em cães e outros animais domésticos.

+ Na época, cerca de TRÊS anos atrás, em menos de UMA semana foram contabilizados mais de 30 casos da doença.

+ No entanto, o que é saúde para todos os que moram nas chamadas áreas de risco e também nas regiões com os números mais baixos do IDH?

{SONORA SÃO SEBASTIÃO X PLANALTINA 2}

+ Mas será que saúde é só ter acesso aos hospitais, Unidades de Pronto Atendimento e também centros de saúde da capital do país?

+ Na cidade, 27 POR CENTO da população vive sem saneamento básico e cerca de DUAS MIL E SEISCENTAS crianças não estudam. Falta espaço esportivo e, além disso, 12 POR CENTO dos moradores da área estão desempregados.

+ Para tentar entender conhecer um pouco mais das regiões administrativas, saímos de São Sebastião e andamos por mais 40 quilômetros, em direção à Planaltina, cidade que fica quase na fronteira com o estado de Goiás, no lado norte do DF.

+ Por lá, conhecemos a história da dona de casa Odete Lima, ela mora na região há mais de QUARENTA anos e viu a cidade crescer e se desenvolver, no entanto, para ela falta cuidado da própria população com a região.

{SONORA SÃO SEBASTIÃO X PLANALTINA 3}

+ No entanto, na região existem DOIS pesos e DUAS medidas, já que uma parte de fato está bem desenvolvida com os 156 anos de história, porém, outra parte ainda precisa evoluir e muito para que o índice de desenvolvimento humano aumente.

+ Em todo o ano de 2015, a cidade contabilizou cerca de 2 MIL e 300 casos de dengue.

+ Com isso, Planaltina assumiu a liderança do ranking de cidades com o maior número de casos das doenças transmitidas pelo mosquito ÉDES EGYPTI.

+ De acordo com Odete Lima, na rua em que ela mora desde que nasceu quase todos os vizinhos e também familiares dela foram infectados pelo vírus da dengue no mesmo período.

{SONORA SÃO SEBASTIÃO X PLANALTINA 4}

+ Diante desses dados, voltamos a pergunta que foi feita no início da reportagem: O que de fato é saúde para quem mora nas áreas de risco e também nas regiões com baixos índices de desenvolvimento humano?

+ E, além disso, quais são as providências tomadas pelo Governo do Distrito Federal para que os moradores dessa região tenham melhores tratamentos e até mesmo acesso a saúde?

+ Fizemos essa pergunta para o Secretário de Saúde do DF, Humberto Fonseca, no entanto, a resposta foi bem diferente das situações encontradas nas DUAS cidades visitadas.

+ Por meio de nota, ele disse que está trabalhando para que todas as unidades de saúde prestem um bom atendimento à população, e que inclusive nas cidades de São Sebastião e Planaltina os registros de dengue tem diminuídos nos últimos tempos.

+ Na próxima reportagem, você acompanha um pouco mais sobre a vida dos moradores das áreas de risco e com baixos índices de desenvolvimento humano.

+ Visitamos, no SEGUNDO capítulo, a região de Ceilândia e também o Gama.

+ Reportagem: João Pedro Melo.

APÊNDICE B – CEILÂNDIA E GAMA

+ Passava das DUAS horas da tarde de um SÁBADO ensolarado quando chegamos ao centro de Ceilândia, ao contrario do que muitos podem pensar mesmo se tratando de um fim de semana, a região estava bem movimentada.

+ Também pudera ali mesmo na via Hélio Prates fica o Hospital Regional da cidade, além do principal shopping e também a tradicional Feira dos Goianos, que movimenta e muito o comércio da região.

+ No SEGUNDO episódio da série Saúde e Área de Risco, a UTI da População, você acompanha as histórias de moradores e trabalhadores das regiões de Ceilândia e também do Gama.

+ Após rodar cerca de 40 quilômetros desde o centro da capital federal, nossa PRIMEIRA parada é em Ceilândia, que atualmente é considerada a cidade mais populosa do Distrito Federal, já que por lá, vivem cerca de QUATROCENTAS E DEZ MIL pessoas, segundo dados do CENSO 2010.

+ No entanto, apesar da grande quantidade de pessoas que vivem na região, o Índice de Desenvolvimento Humano ainda deixa a desejar, ficando em torno de 0,78.

+ Mas e como vivem todas essas pessoas? Será que de fato o acesso à saúde, a educação e aos postos de trabalho está garantido?

{SONORA GAMA X CEILÂNDIA 1}

+ Na região de Ceilândia também está a maior favela da América Latina, o chamado 'Conjunto Habitacional Sol Nascente', que tem NOVECENTOS e 40 hectares e onde vivem HOJE cerca de 60 MIL pessoas.

+ Por lá, conhecemos a história do gerente Emetério Alves, e ele conta que vive em Ceilândia desde que nasceu e que há cerca de TRÊS anos para tentar o sonho de construir a casa própria, ele se mudou para o Sol Nascente com a esposa e os DOIS filhos.

{SONORA GAMA X CEILÂNDIA 2}

+ E bastaram alguns minutos de caminhada para que ficasse clara a resposta da pergunta que fizemos no início da reportagem...

+ Por enquanto, a saúde é sim um dos problemas do conjunto habitacional, já que o esgoto no local corre a céu aberto, o que aumenta e muito a chance do desenvolvimento de doenças.

+ O Professor do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade de Brasília, e especialista em gestão de água e esgoto, Oscar Cordeiro Neto, ressalta as principais medidas que precisam ser adotadas

{SONORA GAMA X CEILÂNDIA 3}

+ Além disso, em toda a região de Ceilândia cerca de 70 MIL pessoas não têm acesso ao saneamento básico e cerca de QUATRO MIL crianças estão fora da escola, segundo dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal, a CODEPLAN.

+ Além disso, a Pesquisa de Emprego e Desemprego divulgada no fim de 2015 aponta que 20,5 POR CENTO da população da região também está desempregada, o que equivale a quase 85 MIL pessoas.

+ Mas e sobre a saúde? Será que de fato o local e a situação em que as pessoas vivem pode afetar o bem estar?

+ Somente neste ano, a região de Ceilândia em conjunto com Planaltina foi a responsável por MIL e 50 casos de dengue, sendo UM deles na forma mais grave da doença.

+ Para tentar entender um pouco mais e também conhecer a realidade de outros trabalhadores e moradores, seguimos pela DF-001 em direção ao Gama, cidade que está a cerca de 50 quilômetros do centro de Brasília.

+ O local tem HOJE um IDH de 0,81, o que deixa a cidade em SÉTIMO lugar entre as regiões com os números mais baixos.

+ E por lá, assim como nas outras TRÊS cidades visitadas, a saúde também é um problema.

+ Desde o início de 2016 até o meio do mês de maio, a região contabilizou mais de MIL E CEM casos de dengue, e NENHUM deles na forma mais grave da doença.

+ Na região central da cidade, próximo ao Hospital Regional, encontramos a Marluce Rodrigues, que afirmou que muitas vezes os problemas e epidemias surgidas na região são causadas por descuidos da própria população.

{SONORA GAMA X CEILÂNDIA 4}

+ No entanto, em comparação com as outras regiões visitadas, o Gama apresenta o menor número crianças e jovens fora das escolas, cerca de MIL e DUZENTOS, porém, o número de desempregados chega a quase 12 MIL.

+ Na próxima reportagem, chegamos às DUAS últimas cidades da nossa série especial, vamos conhecer um pouco mais da vida dos moradores e trabalhadores das regiões de Sobradinho DOIS e também de Samambaia, além de buscar respostas para os baixos números dos Índices de Desenvolvimento Humano.

+ Reportagem: João Pedro Melo.

APÊNDICE C – SOBRADINHO II E SAMAMBAIA

+ Sobradinho DOIS E SAMAMABAIA. Endereços de contrastes. Poderiam ser dois, três, muitos mundos diferentes. Essa história não é das mansões com dois ou três andares e jardins com playground. O risco à saúde está por entre barracos e áreas sem saneamento básico. Dos casebres, surgem personagens que não podem estar resumidos a um atendimento de hospital.

+ E foi nessa região, que conhecemos a história do Joaquim dos Santos, ele mora em Sobradinho DOIS desde a criação do bairro, e trabalha como vendedor para garantir o sustento da família.

+ Joaquim conta que apesar de existir a tubulação de esgoto na região, próximo a casa dele tem uma área em que o material ainda não tratado transborda, deixando a área com um odor insuportável, além de trazer diversas doenças.

{SONORA SOBRADINHO X SAMAMBAIA 1}

+ Dados da Secretaria de Saúde do DF apontam que somente nos CINCO PRIMEIROS meses do ano, a região teve mais de MIL E DUZENTOS casos de dengue, o que deixou Sobradinho DOIS entre as cidades que mais contabilizaram casos da doença.

+ E como temos feito ao longo de toda a série, fomos perguntar para os moradores da região o que de fato é saúde?

+ Na região que tem um o Índice de Desenvolvimento Humano em 0,87, vivem cerca de CEM MIL pessoas, de acordo com dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios.

+ Andando pela cidade, encontramos o analista de sistemas Cleison Moura, ele conta que mudou para a região em 2012, pois foi onde teve condição de construir a casa própria.

{SONORA SOBRADINHO X SAMAMBAIA 2} - Cleison

+ Além disso, durante a conversa mais uma semelhança foi identificada entre as regiões que tem os números mais baixos do Índice de Desenvolvimento Humano.

+ Os moradores dessas áreas acreditam que muitas vezes os problemas e também as epidemias surgem por conta de descuidos de vizinhos e até das administrações regionais.

+ No entanto, o diretor de Vigilância Ambiental do DF, Divino Martins, alega que o governo está tomando providências para que todas essas questões sejam resolvidas com rapidez.

{SONORA SOBRADINHO X SAMAMBAIA 3}

+ Mas será que de fato esses PEQUENOS descuidos são os responsáveis? Ou existem outros fatores de influência?

+ Para descobrir um pouco mais sobre essa questão, conversamos com o Ailton Domício, ele que é Técnico de Mobilização e Prevenção à Dengue da Secretaria de Saúde, afirma que todos os tipos de ações devem ser monitoradas, pois de fato podem influenciar para uma epidemia de doenças como a dengue.

{SONORA SOBRADINHO X SAMAMBAIA 4}

+ A 45 quilômetros de Sobradinho, está Samambaia. Uma cidade com nome de planta, mas que, na verdade, é de expansão urbana. Menos árvores, menos espaço e mais problemas.

+ Na entrada de Samambaia, DUAS avenidas principais, uma que dá acesso à área sul da região administrativa e outra que dá acesso à área norte.

+ E em uma área na qual vivem TREZENTAS MIL pessoas, um problema em comum com todas as outras CINCO regiões observadas, o acesso à recursos e também à saúde.

+ Quem coleciona histórias por esse caminho, é o motorista Gecinaldo Alves. Ele conta que mora na região há mais de DEZ anos com a esposa e as DUAS filhas. A dengue gera preocupação na população de Samambaia.

{SONORA SOBRADINHO X SAMAMBAIA 5}

+ No boletim epidemiológico divulgado pela Secretaria de Saúde no início de maio, a região era responsável por contabilizar cerca de 320 casos de dengue, sendo DOIS da forma mais grave da doença.

+ Ainda segundo Gecinaldo Alves, na rua em que ele mora próximo à quadra 401 de Samambaia Norte, mais de 20 pessoas já tiveram dengue este ano.

{SONORA SOBRADINHO X SAMAMBAIA 6}

+ HOJE, a região administrativa tem o Índice de Desenvolvimento Humano em cerca de 0,78, um dos mais baixos do Distrito Federal, por lá, cerca de 12 MIL crianças estão fora da escola, e em algumas áreas falta saneamento básico.

+ Por enquanto, os moradores das SEIS regiões visitadas durante a série esperam e acreditam que algo melhor está por vir, e que, além disso, todos os pedidos e angústias que foram revelados nos episódios da reportagem possam melhorar.

+ Principalmente no que diz respeito à capacitação de profissionais, o acesso aos recursos, ao ensino público, e também claro à saúde, para que no fim o desejo coletivo de um Distrito Federal melhor, mais desenvolvido e mais observado pelos governantes, de fato se realize.

- + Com edição de Luiz Cláudio Ferreira.
- + Sonorização de Daniel Martins e Rafael Santos.
- + Reportagem: João Pedro Melo.